



PROCESSOS DE LUTO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Bruno Lemes da Silva; André Weber de Vargas; Luana Molz Rodrigues;
Suelen Machado de Freitas; Makely Ferreira Rodrigues.

Introdução: Atualmente, ao se pensar em luto, a primeira associação costuma ser a morte. Entretanto, o conceito é mais amplo: o luto diz respeito a toda perda significativa, representando a ruptura do mundo presumido do sujeito. No ambiente hospitalar, onde se concentram os mais diversos processos de adoecimento, a tríade se depara com diferentes manifestações de luto. Muitas vezes, não se trata apenas da perda pela morte, mas de lutos silenciosos e simbólicos que nem sempre são reconhecidos e validados. **Objetivo:** Compartilhar experiências de atendimentos psicológicos realizados com pacientes e familiares que vivenciaram múltiplas formas de luto diante do processo de adoecimento. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, configurado como estudo observacional e transversal, fundamentado na análise de registros em diário de campo. **Discussão:** Ao longo da história, as culturas têm ressignificado o luto de diferentes maneiras. Na cultura ocidental, entretanto, falar sobre a morte ainda é considerado um tabu que necessita ser enfrentado. Se no contexto social o diálogo é quase inexistente, no ambiente hospitalar a discussão se torna ainda mais urgente, já que a morte e as perdas permeiam a vivência dos pacientes e dos trabalhadores da saúde. A hospitalização representa um período de intensa fragilidade não apenas para os pacientes, mas também para familiares e para a própria equipe multiprofissional. Durante a escuta psicológica, observam-se diversas formas de luto relacionadas ao adoecimento: perda da autonomia, da privacidade, do convívio familiar e social, amputações, envelhecimento, impacto de diagnósticos e prognósticos, luto antecipatório diante de uma perda iminente, entre outros. Diante disso, é fundamental compreender que o luto só faz sentido quando reconhecido pelo enlutado. Ou seja, o sofrimento psíquico surge da ruptura do mundo presumido de cada sujeito. Nos atendimentos realizados, por exemplo, dois pacientes submetidos à amputação de membro inferior vivenciaram o luto não apenas pela perda física, mas pela impossibilidade de realizar atividades cotidianas que lhes eram significativas, como pescar e dançar. Esse exemplo evidencia como o luto está intrinsecamente ligado à subjetividade de cada pessoa. O luto, portanto, é uma reação necessária diante das perdas, e precisa ser vivido. Em algumas situações, o luto antecipatório pode auxiliar e até proteger o sujeito diante do luto consumado, favorecendo a adaptação à nova realidade. **Considerações finais:** O luto é um processo singular, dinâmico e complexo, e não um estado fixo ou linear. Para os profissionais da saúde,



torna-se essencial acolher e validar essas vivências, contribuindo para que o paciente possa elaborar suas perdas. Ressalta-se, assim, a importância de uma atuação sensível e comprometida, que ajude o sujeito a se adaptar a essa nova condição, compreendida como um processo de transição biopsicossocial.

Palavras-chave: Psicologia. Luto. Hospital.